

ANÁLISE COMPARATIVA DAS NUTS II PORTUGUESAS

VITOR JOÃO PEREIRA MARTINHO*

RESUMO:

Neste trabalho faz-se uma análise comparativa das NUTs II portuguesas com base em informação estatística disponível no Eurostat e tendo em conta as mais recentes teorias relacionadas com a evolução das economias regionais, nomeadamente, a teoria Keynesiana, a teoria de Crescimento Endógeno e a Nova Geografia Económica. Por isso, este trabalho está dividido em quatro partes, na primeira é efectuada uma pequena introdução, na segunda são apresentadas as variáveis consideradas, na terceira faz-se a análise comparativa dos dados relacionados com a variáveis consideradas e na quarta parte são apresentadas algumas ilações.

1. INTRODUÇÃO

Pretende-se com este trabalho proceder a uma análise comparativa das NUTS II portuguesas considerando um conjunto de variáveis, referidas no ponto seguinte, seleccionadas tendo em conta as abordagens teóricas da Nova Geografia Económica, associada, essencialmente, a Krugman, Fujita e Venables que têm em conjunto um trabalho de referência, Fujita et al. (2000), baseado num conjunto de outros trabalhos dos autores, uns individuais, sobretudo os de Krugman (1991, 1994, 1995 e 1998) e outros em conjunto, nomeadamente Krugman et al. (1995 e 1996); dos Keynesianos, Myrdal (1957), Hirschman (1958), Kaldor (1966, 1970 e 1981) e Thirlwall (1979, 1980, 1982, 1992 e 1999); e da teoria de Crescimento Endógeno, associada, sobretudo, a Lucas (1988) e Romer (1986 e 1990). A Nova Geografia Económica valoriza a variável espaço, com tudo o que lhe está associado, nomeadamente, os custos de transporte e está relacionada com fenómeno da aglomeração (processo circular e cumulativo envolvendo rendimentos crescentes à escala), onde a diferença de salários reais funciona como força a favor deste fenómeno e os factores imóveis (agricultores e outros) funcionam contra. A teoria Keynesiana concentra-se, sobretudo, nas variáveis associadas ao crescimento económico e está relacionada com o fenómeno da

* Assistente do 2º Triénio na ESAV/IPV

polarização (processo circular e cumulativo, envolvendo, também, rendimentos crescentes à escala), onde factores como as forças da procura, o crescimento do output e a produtividade, assumem um papel importante. A teoria de Crescimento Endógeno valoriza, principalmente, o capital humano e tudo o que lhe está associado. A escolha das variáveis tendo em conta estas teorias, sobretudo a primeira, deve-se ao facto de se pretender em trabalhos posteriores proceder a um conjunto de análises empíricas com um conjunto de dados relacionados com as referidas variáveis e com estas teorias. A opção por estas teorias, deve-se ao facto de serem as mais actuais em termos de evolução das economias regionais.

Os dados estatísticos utilizados foram recolhidos no domínio REGIO da base estatística Eurostat Statistics CD 2000, dado ser a base de dados que permite a obtenção de dados de uma forma mais completa e uniformizada. Os dados obtidos nesta base de dados, apesar de serem os mais completos que se conseguem encontrar não são coincidentes, para as diversas variáveis, em termos de período temporal, de qualquer forma há um período mais ou menos coincidente a todos eles que é o de 1991 a 1994, num universo que se insere no início dos anos 80 e finais dos anos 90.

2. AS VARIÁVEIS CONSIDERADAS

As variáveis consideradas, em termos genéricos (porque com estas variáveis foram calculadas outras, através de rácios, nomeadamente, em relação ao número de empregados assalariados que é um bom reflexo da vitalidade económica e da dimensão da população) foram os empregados assalariados (na agricultura, na indústria transformadora e total), os desempregados de longo prazo, o produto interno bruto, o valor acrescentado bruto (na indústria transformadora e total), a despesa em investigação, o número de habitações, as remunerações nominais dos empregados assalariados (na indústria transformadora e total), o índice de preços no consumidor, as remunerações reais e o fluxo de mercadorias de e para cada uma das NUTS II. Estas variáveis foram todas elas consideradas ao nível regional e nacional. Foram consideradas, também, essencialmente, para o sector da indústria transformadora, dado ser o sector com maior relevância nos desenvolvimentos da maior parte das teorias aqui tidas em conta, uma vez que, é o que tem preferencialmente rendimentos crescentes à escala. Os empregados na agricultura e o número de habitações foram tidos em conta,

dado que, são consideradas duas variáveis que representam para alguns autores da Nova Geografia Económica forças que trabalham contra a aglomeração.

Os índices de preços no consumidor que deveriam ser por sectores, são os relativos a agregados totais sem produtos sazonais e habitação, em face da inexistência de dados mais desagregados. O fluxo de mercadorias pretende ser uma “proxy” aos custos de transporte, dado ser esta uma forma indirecta de os medir, tal como admitem os autores da Nova Geografia Económica.

3. ANÁLISE DOS DADOS RELACIONADOS COM AS REFERIDAS VARIÁVEIS

De seguida procurar-se-á analisar a informação estatística relacionada com cada uma das variáveis consideradas, da forma mais completa possível, a partir da base de dados referida, apresentando-se alguns dados, na forma de gráficos (os principais, ou seja, os relacionados com a indústria transformadora, dada a importância que é atribuída a este sector e dados os limites razoáveis para um artigo), em anexos (um anexo para cada um dos sub-pontos seguintes).

3.1 Estrutura do emprego e da produção:

Os empregados assalariados na agricultura demonstram uma diminuição ao longo das décadas de 80 e 90, a que não terá sido alheio a entrada na, altura, Comunidade Económica Europeia (CEE) e os preparativos para a reforma da Política Agrícola Comum (PAC) de 1992. As NUTS II com mais empregados assalariados na agricultura, em relação ao total nacional na agricultura, são o Norte, Lisboa e Vale do Tejo e o Centro, embora, esta última NUT II seja a que mais agricultores perdeu nos últimos anos. Por outro lado, as NUTS II em que os agricultores assalariados têm maior peso no total de empregados assalariados, da região, são o Alentejo, o Algarve, os Açores, a Madeira e o Centro, não admira, portanto, que o Centro tenha sido das NUTS II que mais perdeu agricultores. Os empregados assalariados na indústria transformadora têm uma evolução temporal semelhante à dos empregados assalariados na agricultura, explicável pelas mesmas razões, embora a reforma da PAC tenha poucos efeitos na diminuição de empregados assalariados na indústria transformadora no início dos anos 90, se calhar mais a diminuição da euforia da entrada na CEE, entre outros

factores (Gráfico I.1). O Norte, Lisboa e Vale do Tejo e o Centro, respectivamente, são as NUTS II com maior número de empregados assalariados na indústria transformadora, em relação ao total nacional nesta actividade, como seria de esperar, com o Centro a mostrar um ligeiro aumento, sinal que se tem vindo a industrializar. As NUTS II em que os empregados assalariados na indústria transformadora, em relação ao total da região, é maior são o Norte, o Centro, Lisboa e Vale do Tejo e Alentejo, respectivamente. Se analisarmos, por exemplo, o número de empregados assalariados na indústria transformadora/Km², verifica-se que Lisboa e Vale do Tejo passa a ter valores muito semelhantes ao do Norte, sinal de maior concentração desta actividade nesta NUT II.

No Gráfico I.2 verifica-se que os desempregados de longo prazo aumentaram no início dos anos 90, o que está relacionado com a diminuição de empregados assalariados, para começarem a diminuir mais recentemente. As NUTS II com maior número de desempregados, no total nacional, são Lisboa e Vale do Tejo, o Norte, o Centro e o Alentejo, respectivamente, com o Norte a experimentar ligeiras subidas recentemente e o Centro e o Alentejo a experimentarem ligeiras descidas. O número de desempregados em cada uma das NUTS II, em relação ao número de empregados assalariados na respectiva NUT II, é bastante irregular, de qualquer forma o Alentejo tem os maiores valores.

Analisando os valores do produto e do emprego verifica-se que estes diminuíram, ligeiramente, no início dos anos 90, reflexo de recessão económica. Paralelamente os valores do desemprego de longo prazo aumentaram nesta altura, pelo que, podemos referir que o desemprego de longo prazo acompanhou, no período considerado, os ciclos económicos.

O produto interno bruto (PIB), em termos regionais e nacionais, tem vindo a aumentar ao longo dos anos, de forma idêntica, ou seja, as NUTS II, grosso modo, têm acompanhado o total do país. Se analisarmos o contributo de cada NUT II para o PIB nacional verificamos que a maior contribuição vem de Lisboa e Vale do Tejo, do Norte e de Centro, respectivamente, como seria de esperar, dado serem as NUTS nacionais com maior relevância económica. Considerando o PIB/empregado assalariado verifica-se que este tem vindo a aumentar ao longo dos anos, sinal de aumento da produtividade, e que há uma clara tendência para ser maior em Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve, com o Norte, por exemplo, a ter valores relativamente mais baixos. Se analisarmos, por outro lado, o valor acrescentado bruto a preços de mercado (VABpm) na indústria transformadora, verifica-se que, este tem vindo a aumentar ao longo dos anos, excepção para os anos 1993 e 1994 (Gráfico I.3). A maior contribuição para o

VABpm na indústria transformadora nacional, vem sobretudo, mais recentemente, do Norte e de Lisboa e Vale do Tejo, respectivamente, seguidas do Centro e depois do Alentejo. Verifica-se, também, que o VABpm por empregado assalariado na indústria transformadora (produtividade na indústria transformadora) é muito variável ao longo dos anos nas diferentes NUTS II, mas os melhores valores são os de Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo, a Madeira e os Açores e os piores valores são os do Norte. O VABpm total de todas as actividades tem experimentado aumentos significativos. A maior contribuição para o VABpm total de todas as actividades a nível nacional vem de Lisboa e Vale do Tejo, do Norte, do Centro e do Alentejo, respectivamente. O VABpm por empregado assalariado em todas as actividades (produtividade global) é muito variável mas verifica-se que Lisboa e Vale do Tejo tem os melhores valores e o Norte os piores.¹ O peso do VABpm na indústria transformadora no VABpm total em todas as actividades é maior no Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve, respectivamente.² A relação entre o VABpm por empregado assalariado na indústria transformadora e o VABpm por empregado em todas as actividades é muito variável, mas Lisboa e Vale do Tejo e Alentejo têm os melhores valores.³

Pela análise das variáveis relativas ao produto verifica-se que Lisboa e o Norte têm as melhores produções, com o Norte a ter os melhores valores para a indústria transformadora. Por outro lado, quando se analisa a produtividade (produto/empregado) constata-se que Lisboa tem os melhores valores para esta variável, seguida do Alentejo na maior parte das análises, e o Norte tem das piores produtividades. Neste seguimento, o Norte e o Alentejo acabam por ser dois casos inesperados e duas excepções à lei de Verdoorn⁴. Como tal, segundo os contributos teóricos dos Keynesianos (sobretudo Kaldor), Lisboa é das NUT II a que tem boas condições para ter um crescimento circular e cumulativo, com rendimentos crescentes à escala e para aproveitar vantagens de crescimento adquiridas, portanto ser um polo de atracção da população e da actividade económica, ao contrário do Norte.

3.2. Estrutura da despesa em investigação e do número de habitações

Apesar da escassez dos dados, verifica-se que a despesa em investigação tem vindo a aumentar ao longo dos anos e é maior em Lisboa e Vale do Tejo, no Norte e no

¹ De salientar o facto desta análise se basear num período curto e já não muito recente.

² De salientar o facto desta análise se basear num período curto e já não muito recente.

³ Idem.

⁴ O crescimento da produtividade é parte dependente do próprio crescimento do output.

Centro, respectivamente (Gráfico II.1). Se considerarmos a despesa em investigação por empregado assalariado o Centro passa a estar à frente do Norte.

O número de habitações tem vindo a aumentar muito ligeiramente, com Lisboa e Vale do Tejo, Norte e Centro, respectivamente, a terem o maior número de habitações (Gráfico II.2). O número de habitações por empregado assalariado é maior no Alentejo e no Centro, reflexo, possivelmente, do menor número de empregados assalariados e de mais fraca vitalidade da actividade económica.

3.3. Estrutura dos salários e dos preços:

Verifica-se que as remunerações nominais dos empregados assalariados na indústria tem vindo a aumentar em todas as NUTS II, com uma ligeira descida em 1993 e 1994, que vem no seguimento da recessão económica, já verificada na análise de outras variáveis. As remunerações nominais por empregado assalariado na indústria transformadora são mais altas em Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Centro, respectivamente (Gráfico III.1). Estas remunerações mais altas no Alentejo são devidas, possivelmente, à proximidade com a NUT II Lisboa e Vale do Tejo e às suas características intrínsecas. As remunerações nominais de todos os empregados assalariados, em todas as NUTS II e a nível nacional, têm uma configuração gráfica muito semelhante à das remunerações nominais dos empregados assalariados na indústria transformadora, reflexo de alguma importância desta actividade e que as variações terão sido mais ou menos uniformes entre as diversas actividades. As remunerações nominais por empregado assalariado em todas as actividades são sempre mais altas em Lisboa e Vale do Tejo, sendo muito variáveis nas outras NUTS II, ao longo dos anos. Se analisarmos a relação entre as remunerações por empregado na indústria transformadora e no total das actividades verifica-se que a mesma é sempre mais alta na NUT II Alentejo, seguida do Centro e de Lisboa e Vale do Tejo.

O índice de preços no consumidor, de 1991 a 1996, foi muito variável, mas Lisboa e Vale do Tejo, Açores, Alentejo e Norte foram as NUTS com valores mais altos (Gráfico III.2).⁵ De 1997 a 2001 o índice de preços no consumidor foi, também, muito variável, mas o Algarve teve dos valores mais altos.

As remunerações reais por empregado assalariado na indústria transformadora são maiores em Lisboa e Vale do Tejo e Alentejo, respectivamente, seguidas do Centro e da Madeira. As remunerações reais por empregado assalariado em todas as actividades

⁵ Base 100=1991 e 100=1997

são maiores em Lisboa e Vale do Tejo, com a Madeira e os Açores a terem, também, dos mais altos valores e o Norte a ter dos mais baixos. O Alentejo continua a ter uma boa performance.

Analisando a variável empregados na indústria transformadora e a variável remunerações verifica-se que Lisboa e o Norte têm os melhores valores na variável empregados, mas é Lisboa e o Alentejo que têm as melhores remunerações, com o Norte, novamente, a ter os piores valores nesta variável. O Alentejo e o Norte tornam a ser dois casos surpreendentes. Contudo, considerando as teorias da Nova Geografia Económica, Lisboa torna a ter boas condições para aglomerar a população e a actividade económica, com processos circulares e cumulativos, neste caso não através da lei de Verdoorn, como nas teorias Keynesianas, mas pela diferença de salários reais que funcionam como forças de atracção, envolvendo, também, rendimentos crescentes.

3.4. Estrutura do comércio inter-regional:

O fluxo de mercadorias para cada uma das NUTS II tem vindo a aumentar, excepção para o início dos anos 90 (Gráfico IV.1). O fluxo de mercadorias para dentro de cada uma das NUTS II a partir de todo o Portugal é maior em Lisboa e Vale do Tejo, Norte e Centro, o que seria de esperar dada a dimensão e a constituição destas NUTS II. Por outro lado, o fluxo de mercadorias para cada uma das NUTS por empregado assalariado é maior no Algarve e Centro, alternadamente, seguidas do Alentejo.

O fluxo a partir de cada uma das NUTS tem uma configuração gráfica semelhante à da variável anterior, bem como, o peso do fluxo de mercadorias a partir de cada NUT no total nacional. O fluxo de mercadorias a partir de cada NUT II por empregado assalariado é maior no Algarve, Alentejo e Centro, alternadamente, seguidas de Lisboa e Vale do Tejo.

4. CONCLUSÕES

Explorando as análises que foram efectuadas no ponto anterior verifica-se que o Norte tem uma boa contribuição para o PIB total e para o VAB total, em termos nacionais, mas tem as mais baixas produtividades globais. Se analisarmos mais pormenorizadamente e observarmos o VAB na indústria transformadora, em termos regionais e nacionais, verifica-se que esta variável é maior nesta NUT II, mas a

produtividade é a mais baixa. Acresce, ainda, o facto de se verificarem, no Norte, as mais baixas remunerações nominais e reais. De qualquer forma é nesta NUT II que a indústria transformadora tem maior expressão, visível pelos valores do VAB e dos empregados assalariados.

O Centro é uma NUT II com valores médios para as diferentes variáveis, de salientar o facto de ter vindo a perder importância na agricultura e a ganhar na indústria transformadora, sinal de que se tem vindo a industrializar e de bons valores na despesa em investigação por empregado assalariado.

Lisboa e Vale do Tejo tem as melhores contribuições para o PIB total e para o VAB total, tem as mais altas produtividades globais e na indústria transformadora, tem a mais alta despesa em investigação e o maior número de habitações e tem as mais altas remunerações nominais e reais. Por outro lado, tem o maior número de desempregados de longo prazo e o maior fluxo de mercadorias nos dois sentidos (para fora e para dentro da NUT). De referir, ainda, que apesar da indústria transformadora não ter aqui a importância que tem no Norte, Lisboa e Vale do Tejo tem o maior número de empregados na indústria transformadora por Km², reflexo de maior concentração desta actividade nesta NUT II.

A NUT II Alentejo tem o maior número de agricultores assalariados no total de empregados assalariados da NUT, tem dos mais baixos números de empregados assalariados na indústria transformadora e dos mais baixos números de desempregados de longo prazo, mas o mais alto valor de desempregados de longo prazo por empregado assalariado na NUT. Tem, também, o mais alto número de habitações por empregado assalariado e das melhores produtividades e remunerações nominais e reais. Por outro lado, tem dos mais altos fluxos de mercadorias por empregado assalariado. Esta NUT tem, assim, como já foi referido anteriormente, valores estranhos para algumas variáveis.

Do Algarve de salientar o facto de ser uma NUT muito discreta com tendência para recentemente ter preços altos e para ter o mais alto fluxo de mercadorias por empregado assalariado.

Os Açores e Madeira são, também, duas NUTS II com valores para as diferentes variáveis analisadas muito discretos comparativamente com as outras cinco NUTS II continentais, reflexo do isolamento insular.

Como conclusão final, de referir que Lisboa e Vale do Tejo é uma NUT II que apresenta todas as condições, à luz das teorias Keynesianas e da Nova Geografia

Económica para concentrar a população e a actividade económica através de processo circulares e cumulativos, envolvendo rendimentos crescentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Fujita, Masahisa et al. (2000). *The Spatial Economy: Cities, Regions, and International Trade*. Cambridge MA: MIT Press.
- Hirschman, Albert (1958). *The Strategy of Economic Development*. New Haven: Yale University Press.
- Kaldor, Nicholas (1966). *Causes of the Slow Rate of Economic Growth in the United Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kaldor, Nicholas (1970). "The Case for Regional Policies", in Targetti, Ferdinando; Thirlwall, Anthony (1989). *The Essential Kaldor*. London: Duckworth, 311-326.
- Kaldor, Nicholas (1981). "The Role of Increasing Returns, Technical Progress and Cumulative Causation in the Theory of International Trade and Economic Growth", *Économie Appliquée*, 34(4), 593-617.
- Krugman, Paul. (1991). "Increasing Returns and Economic Geography", *Journal of Political Economy*, 99(3), 483-499.
- Krugman, Paul. (1994). "Complex Landscapes in Economic Geography", *The American Economic Review*, 84(2), 412-416.
- Krugman, Paul. (1995). *Development, Geography, and Economic Theory*. Cambridge MA: MIT Press.
- Krugman, Paul (1998). "Space: The Final Frontier", *Journal of Economic Perspectives*, 12(2), 161-174.
- Krugman, Paul; Venables, Anthony (1995). "Globalization and the Inequality of Nations", *The Quarterly Journal of Economics*, CX, 857-880.
- Krugman, Paul; Venables, Anthony (1996). "Integration, Specialization, and Adjustment", *European Economic Review*, 40, 959-967.
- Lucas, Robert (1988). "On the mechanics of economic development", *Journal of Monetary Economics*, 22, 3-42.
- Myrdal, Gunnar (1957). *Economic Theory and Under-developed Regions*. London: Duckworth.
- Romer, Paul (1986). "Increasing returns and long-run growth", *Journal of Political Economy*, 94, 1002-1037.
- Romer, Paul (1990). "Endogenous technological change", *Journal of Political Economy*, 98, 71-102.
- Thirlwall, Anthony (1979). "The Balance of Payments Constraint as an Explanation of International Growth Rate Differences", *Banca Nazionale del Lavoro Quarterly Review*, 32, 45-53.
- Thirlwall, Anthony (1980). "Regional Problems are "Balance-of-Payments" Problems", *Regional Studies*, 14, 419-425.
- Thirlwall, Anthony (1982). "The Harrod Trade Multiplier and the Importance of Export Led Growth", *Pakistan Journal of Applied Economics*, 1, 1-21.
- Thirlwall, Anthony (1992). "The Balance of Payments and Economic Performance", *National Westminster Bank Quarterly Review*, 2-11.
- Thirlwall, Anthony (1999). *Growth and Development*. 6th ed.

ANEXO I

GRÁFICO I.1: EMPREGADOS ASSALARIADOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA (1000 PESSOAS)

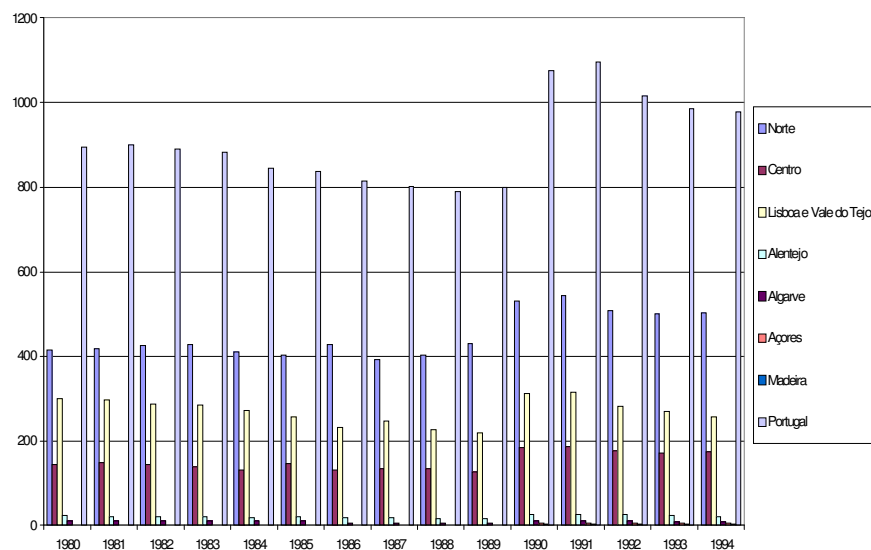


GRÁFICO I.2: DESEMPREGADOS DE LONGO PRAZO (1000 PESSOAS)

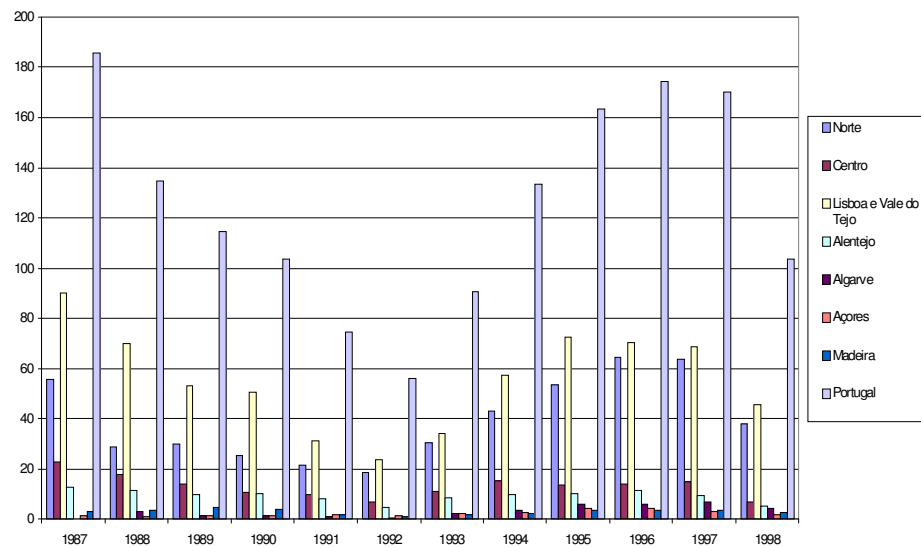
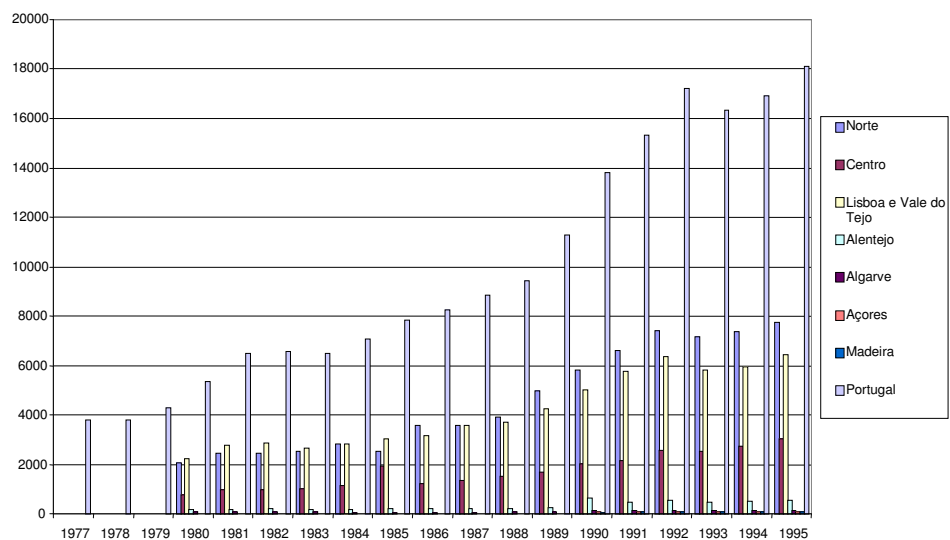
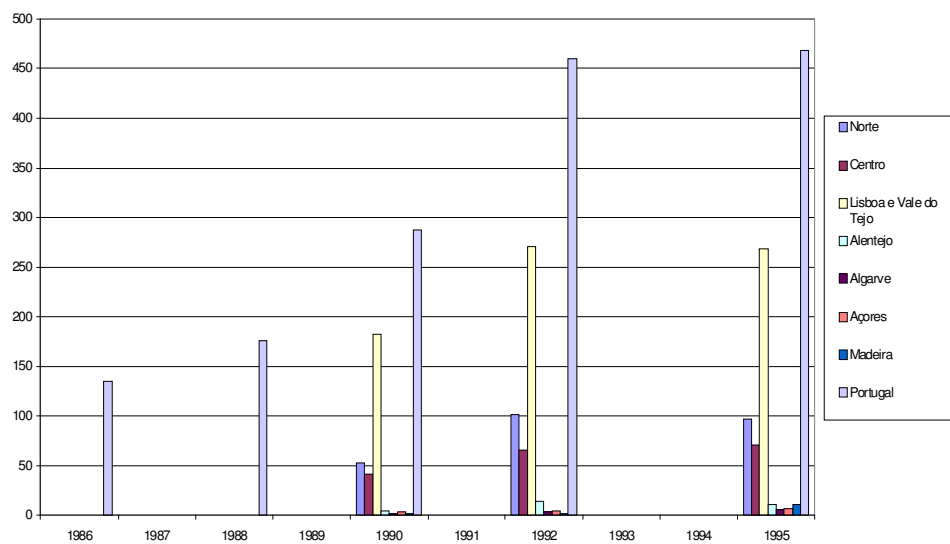


GRÁFICO I.3: VABpm NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA (MILHÕES DE ECUs)



ANEXO II

GRÁFICO II.1: DESPESA EM INVESTIGAÇÃO EM CADA NUT II (MILHÕES DE ECUs)



ANEXO III

GRÁFICO III.1: REMUNERAÇÕES/EMPREGADO DOS EMPREGADOS ASSALARIADOS NA INDÚSTRIA TRANSFORMADORA

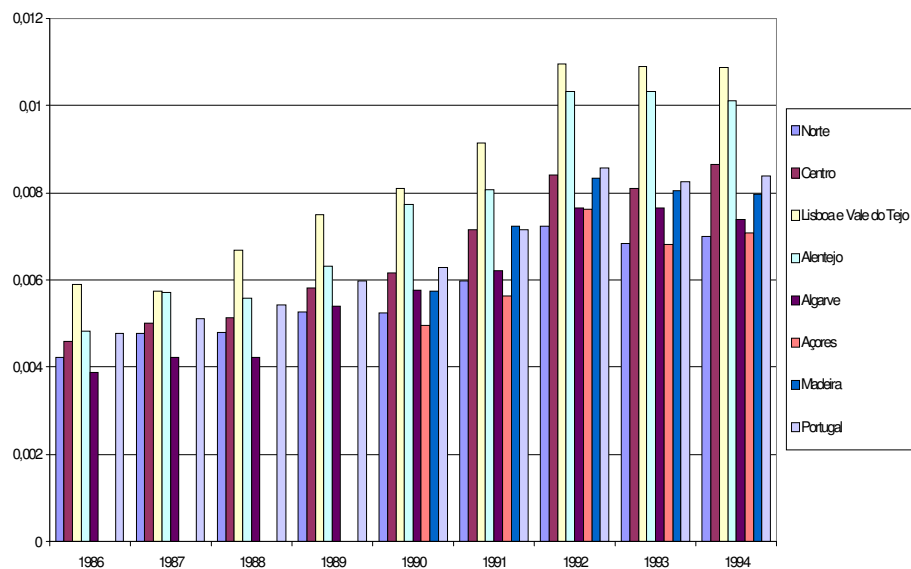
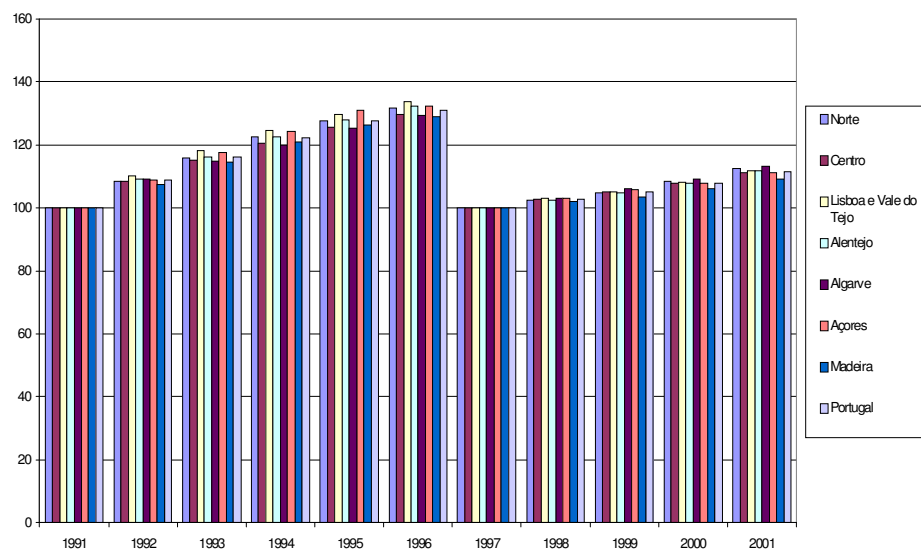


GRÁFICO III.2: ÍNDICE DE PREÇOS NO CONSUMIDOR (BASE 100=1991)



ANEXO IV

GRÁFICO IV.1: FLUXO DE MERCADORIAS PARA CADA UMA DAS NUTS II (1000 TONS)

